
PROCESSAMENTO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS PARAENSES À LUZ DA PSICOLINGUÍSTICA EXPERIMENTAL

PROCESSING OF PARAENSES IDIOMATIC EXPRESSIONS IN THE LIGHT OF EXPERIMENTAL PSYCHOLINGUISTICS

Ana Paula Martins Alves Salgado¹, Adriane Valécia do Vale Lima², Priscila Correa Pacheco³

RESUMO

Este artigo investigou o processamento de expressões idiomáticas paraenses por falantes nativos de outros estados residentes no Pará. Pautados nos pressupostos de Saeed (1997), Xatara (1998) e Alves et al. (2010), compreendemos expressões idiomáticas como frases que fazemos uso de acordo com o sentido conotativo, cujos significados estão interligados ao contexto em que se encaixam. Para tanto, em uma perspectiva experimental, realizamos um estudo de compreensão de expressões idiomáticas, por meio da técnica Tarefa de Labirinto, no qual participaram 28 adultos moradores do estado do Pará. Os resultados evidenciaram que os paraenses possuem grandes níveis de acesso ao sentido idiomático com menor tempo de reação, ao passo que os adultos não paraenses residentes no Pará conseguem processar o sentido idiomático na maioria das expressões, no entanto, demandaram mais tempo de reação, alertando para dificuldades de compreensão no processamento.

Palavras-chave: Psicolinguística experimental; Processamento; Expressões idiomáticas Paraenses.

Abstract

This paper investigated the processing of paraense idiomatic expressions by native speakers from other states living in Pará. Based on the assumptions of Saeed (1997), Xatara (1998) and Alves et al. (2010), we understand idiomatic expressions as phrases that we use according to the connotative sense, whose meanings are interconnected to the context in which they fit. To this end, from an experimental perspective, we carried out a study on the understanding of idiomatic expressions, using the Maze Task technique, in which 28 adults living in the state of Pará participated. The results showed that people from Pará have high levels of access to the idiomatic meanings with less reaction time, while non-Pará adults

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: anamarinsalves@ufra.edu.br

² Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade da Amazônia. E-mail: adrianevalelima@gmail.com

³ Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade da Amazônia. E-mail: priscilapletras@gmail.com

living in Pará are able to process the idiomatic meanings in most expressions, however, it was demanded more reaction time, alerting to comprehension difficulties in processing.

Keywords: *Experimental psycholinguistics; Processing; Paraense idiomatic expressions.*

1. Introdução

Xatara (1998) afirma que as Expressões idiomáticas estão enraizadas em nosso dia a dia, compondo a linguagem informal, tendo em vista que surgem de uma combinatória de palavras que não formam uma unidade lexical, mas passam a ser uma unidade após um processo de mutação semântica. A autora explica que muitas vezes os falantes não encontram no repertório já disponível os elementos necessários à sua comunicação e por isso realizam combinações inusitadas que possam dar sentido ao que querem expressar, dando origem às expressões idiomáticas que são consideradas não composicionais, pois sua interpretação não pode ser alcançada pela soma de seus elementos. A partir disso, cremos que as Expressões idiomáticas são frases que possuem seus significados atrelados ao contexto em que se encaixam, sendo caracterizadas pela informalidade e por variedades linguísticas quando se incluem dentro de determinados territórios como estados, cidades, regiões e grupos sociais.

Nessa perspectiva, acreditamos que o grau de interpretabilidade das expressões idiomáticas está associado ao contato dos interlocutores com determinada cultura, ou seja, quanto mais contato, mais fácil se torna a compreensão dessas expressões, e quanto menos contato mais difícil a compreensão dos significados figurados, considerando que demandam dos interlocutores uma compreensão com base em aspectos extralinguísticos.

Desta forma, empenhamos nossos esforços na investigação das expressões idiomáticas paraenses sob a perspectiva do processamento de frases, com os objetivos de examinar o custo cognitivo na compreensão de frases idiomáticas paraenses por falantes nativos de outros estados residentes no Pará; verificar como são interpretadas as expressões idiomáticas paraenses a partir do acesso ao significado literal ou figurado; e analisar se o tempo de moradia no estado do Pará contribui no processo de compreensão das frases idiomáticas.

Com esse intuito, levantamos algumas hipóteses: a) pessoas que nasceram em outros estados e moram no Pará possuem dificuldades de compreensão dos significados conotativos de expressões idiomáticas paraenses, uma vez que, por não terem desenvolvido sua linguagem no estado do Pará, ao se deparar com frases e expressões utilizadas pelos paraenses, acabam não conseguindo depreender o significado figurado, compreendendo apenas o sentido denotativo de tais expressões; b) quanto mais tempo de moradia no estado do Pará, menos dificuldades o falante não nativo da região sente na compreensão de frases idiomáticas; c) o falante não nativo, residente há menos tempo, interpreta mais frequentemente as expressões idiomáticas seguindo o sentido literal, ao passo que residentes há mais tempo interpretam segundo o sentido não literal devido ao tempo de moradia que possibilita um maior contato com os falantes e contextos paraenses.

Sendo assim, realizamos um estudo experimental por meio da técnica Tarefa Labirinto com o intuito de investigar como falantes nativos do Pará, assim como falantes nativos de outras regiões do Brasil residentes no Pará há mais de 10 anos ou há menos de 6 anos processam expressões idiomáticas paraenses.

Destarte, tendo em vista os objetivos deste estudo, inicialmente, apresentamos os fundamentos teóricos que subsidiaram nosso empreendimento investigativo. Desse modo, apresentamos uma breve discussão sobre os sentidos conotativo e denotativo, expressões idiomáticas, processamento de frases e expressões idiomáticas paraenses. Posteriormente,

explicitamos os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta investigação, seguido da análise dos dados e discussão dos resultados. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

2. Sentido conotativo e denotativo

A linguagem possui duas formas de manifestação, uma que corresponde aos significados reais ou literais que são reconhecidos em qualquer lugar ou contexto dentro do país e outra que corresponde a um sentido não literal ou metafórico, que se constrói em contextos e situações particulares. A área de estudos que se ocupa em investigar a significação das palavras em relação aos sentidos literais ou não literais é a Semântica, que, de modo geral, estuda os significados de um vocábulo envolvido em um determinado contexto.

Quando utilizamos o significado básico de uma palavra ou expressão, o significado dicionarizado e real é acionado. Desta forma, a linguagem se manifesta no sentido denotativo, pois fazemos uso do sentido próprio, comum em todos os lugares que fazem uso de uma língua.

Em contrapartida, o sentido conotativo consiste no significado que damos a algo de acordo com o contexto de uso. Segundo Ilari (2016, p.41),

a conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto, e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc..

Desta forma, o sentido conotativo corresponde a um sentido simbólico, ou figurado, que atribui em muitos casos um novo emprego para uma palavra ou expressão que possui um significado literal.

Quando o indivíduo faz uso do sentido figurado da linguagem, é possível perceber diversos traços de sua vida, como os grupos dos quais faz parte. Dentre eles, destacamos o grupo regional, tendo em vista que os falantes das diversas regiões do Brasil utilizam o sentido conotativo em muitas de suas gírias que são utilizadas de acordo com o contexto local. Botelho (2006, p.40) diz que “a escolha que o falante faz dos itens lexicais é sempre relacionada aos elementos contextuais. O seu interlocutor e o tema da interação discursiva sempre o levam a selecionar as palavras e expressões convenientes”.

Para Barreto (2017), os estudos atuais relacionados ao uso da linguagem não literal têm apresentado grandes resultados ao ressaltar a relevância da linguagem figurada na faculdade humana, visto que ela não se apresenta mais em apenas dar expressividade a textos poéticos, mas ter reconhecimento como sendo um meio da linguagem cotidiana.

Segundo Gibbs (1999), a linguagem figurada permite que os falantes e escritores se comuniquem por meio dos vários sentidos que se apresentam diante daquilo que realmente querem dizer. O autor acrescenta que há várias razões para as pessoas falarem de forma figurada, entre elas estão a polidez, a isenção da responsabilidade daquilo que se fala, a demonstração de pensamentos que são difíceis de serem comunicadas, usando a linguagem literal, e, por fim, as formas de expressar pensamentos compactos com muita intensidade.

Desta forma, o sentido conotativo possibilita que o falante selecione expressões e palavras de acordo com o contexto em que está inserido. Com base nisso, inferimos que o sentido figurado está relacionado com o processamento de mensagens dentro da mente humana, pois, para que o significado de certas expressões ou palavras seja compreendido por um ouvinte, é necessário que ele a inclua dentro de um contexto ou situação de uso.

3. Sobre as expressões idiomáticas e o processamento de linguagem

A língua é um mecanismo mutável que sofre influências de diversos aspectos sociais e acompanha as mudanças e as necessidades dos homens. Seguindo esse pensamento, Costa (1996, p. 51) afirma que “A língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca para”.

Desta maneira, a língua se transforma, podendo sofrer diversas mudanças e influências, sempre de acordo com as necessidades comunicativas dos indivíduos que participam das interações sociais, resultando em uma construção linguística nacional muito vasta, compondo um patrimônio linguístico nacional.

Esse rico patrimônio linguístico existente no Brasil, em consonância com sua riqueza cultural e geopolítica, possibilita o aparecimento de traços próprios que configuram uma pluralidade brasileira do Português. Ajudando a compor esses traços estão as conhecidas Expressões Idiomáticas (EIs), que estão inclusas no sentido conotativo da linguagem.

Quando as palavras e expressões estão no sentido conotativo, ou seja, no sentido figurado, elas ganham novos significados dependendo de situações e contextos de uso. Desta forma, o sentido conotativo ressignifica o sentido próprio de acordo com o contexto.

Portanto, Aves et.al (2010) explicam que as Expressões idiomáticas (EIs) são unidades fraseológicas que ultrapassam o significado literal de suas partes, visto que elas não se resultam da soma dos significados dos elementos que as compõem. O seu uso determina o grau de conhecimento que o falante dispõe da língua, uma vez que ela é frequentemente utilizada em situações sociointerativas, pois o falante possui a necessidade de acrescentar à mensagem algo que a linguagem usual não consegue preencher. De acordo com Alves et al. (2010), as EIs são consideradas uma fonte de dificuldade para qualquer pessoa que queira aprender não só uma língua estrangeira, mas também a própria língua materna, visto que o conhecimento dessas unidades convencionais pode confundir o aprendiz dessa língua, dado que o falante só conhece o conjunto das regras gramaticais e o seu léxico, o que vem a possibilitar somente uma leitura composicional, ou seja, não idiomática.

De acordo com Xatara (1998), a expressão idiomática é uma lexia de difícil compreensão e indecomponível, que apresenta sentido conotativo e cristalizado em função de um idioma pela tradição cultural. Segundo a autora, essa organização escolhida está relacionada ao seu formato locucional, razão que explica o motivo da lexia ser complexa e indecomponível, ao apresentar uma combinação fechada com uma única distribuição altamente limitada. No que se refere ao seu entendimento semântico, Xatara (1998) conclui que este não deve ser determinado baseado nas somas de seus elementos constituintes, dado essa ser a causa das EIs serem conotativas. Quanto à sua cristalização, esta possui relação ao seu significado estável, em consequência da regularidade do seu uso, o que lhe atribui notoriedade.

Além de Xatara (1998) e Alves et al. (2010), já mencionados, vários autores definem as expressões idiomáticas. Nogueira (2008) as caracteriza como composições presentes na vida cotidiana de uma comunidade linguística, uma vez que elas são usadas, além de outras coisas, para exprimir seus sentimentos:

Um dos componentes mais versáteis e mais ricos da linguagem humana, seja sob o formato de frases fixas ou semi-fixas, de caráter literal ou metafórico, de origem histórica ou sócio-religiosa. No manuseio dessas expressões, somos capazes de traduzir o que trazemos na alma, muitas vezes, metamorfoseando em imagens o que nos parece indizível tal qual o é, com o auxílio de uma EI. (Nogueira, 2008, p. 74-75)

Saeed (1997) parte do conceito de que as expressões idiomáticas são estruturas que surgem de mais de uma palavra não composicional, em que vão ser assimiladas pelos falantes da língua como unidade semântica. Além disso, o autor aborda que as EIs aparecem do processo de fossilização, no qual as palavras isoladas não conservariam seus sentidos independentes, uma vez combinadas no interior da expressão:

[...] a existência de unidades de multipalavras, como os verbos frasais [...]. Verbos frasais e expressões idiomáticas são casos em que uma sequência de palavras pode corresponder a uma única unidade semântica [...]. Essas colocações podem sofrer um processo de fossilização até se tornarem expressões fixas. [...] Um tipo semelhante de fossilização resulta na criação de expressões idiomáticas, expressões em que as palavras individuais deixaram de ter significados independentes.
⁴(SAEED, 1997, p. 59-60)

Nogueira (2008) afirma que a idiomaticidade é de suma importância para o reconhecimento das EIs, e, em vista disto, opta por usar o termo *expressão idiomática*, em vez de *locução*, como faz Pastor (1996) na literatura espanhola, em virtude de ela já está bastante vinculada à literatura brasileira. Além do mais, o autor brasileiro afirma que as expressões idiomáticas vêm designar de forma global as expressões fixas e idiomáticas de duas ou mais palavras para que se evite produzir confusões com uma locução comum. Pastor (1996) declara que as locuções são unidades fraseológicas do sistema linguístico que possuem como características as fixações internas, a unidade de significado e fixação externa passemática. Para a autora, essas unidades não se constituem em frases completas, uma vez que elas geralmente funcionam como elementos de orações.

Diante disso, Nogueira (2008) declara que a idiomaticidade não é o único elemento que caracteriza o reconhecimento das EIs, dado que existem outras particularidades que as compõem. Sevilla e Arroyo (1993) determinam que as unidades fraseológicas devem possuir quatro características para serem identificadas como expressões idiomáticas, tais como: formação de duas ou mais palavras, dispor de formas fixas, ser privativo de uma língua e possuir idiomaticidade.

Alves et al. (2010) nos mostram que as expressões idiomáticas possuem grande relevância no âmbito da comunicação, visto que no momento de sua utilização, o indivíduo pode manipular seus discursos, além de camuflar sua real razão através das metáforas. Sendo assim, utiliza essas expressões segundo suas intenções comunicativas dentro de um contexto específico, como convencer, persuadir ou ofender alguém.

No campo das pesquisas da psicolinguística, teorias gerais sobre processamento de frases idiomáticas nomeadas principalmente por estudiosos pioneiros como Bobrow e Bell (1973) buscam uma solução empírica para o problema do sentido literal e não literal das expressões idiomáticas. Isso pode ser observado a partir da década de 1970, na qual houve a formação das teorias lexicais e das teorias composicionais. Essas duas grandes correntes teóricas procuraram abordar sobre processamento fraseológico com o intuito de explicar como ocorre a transferência do sentido literal para o não literal no decorrer do processo cognitivo das expressões idiomáticas.

Sabemos que é na mente humana que a linguagem é produzida, possibilitando que os seres humanos, por meio de um número limitado de sons, compreendam e produzam

⁴ No original: [...] the existence of multi-word units, like phrasal verbs [...]. Phrasal verbs and idioms are both cases where a string of words can correspond to single semantic unit. [...] These collocations can undergo a fossilization process until they become fixed expressions. [...] A similar typer of fossilization results in the creation of idioms, expressions where the individual words have ceased to have independent meanings.

mensagens em uma língua natural. Destarte, a mente humana tem a capacidade de produzir e compreender frases e expressões linguísticas por meio de um processo psicológico complexo, isto é, para produzir linguagem, os indivíduos devem “[...] codificar os pensamentos em morfemas e palavras que se combinam e formam sintagmas e frases e emitidas a um interlocutor em determinado contexto discursivo” (Kenedy, 2013, p.13) , ao passo que para compreender linguagem devem “[...] decodificar os sons da fala que lhe é dirigida, identificando morfemas, palavras, sintagmas e frases para conseguir interpretar os estados mentais e as intenções comunicativas de seu colocutor” (Kenedy, 2013, 13).

No escopo da psicolinguística encontramos diversos modelos que se empenham em investigar o processamento, dentre eles, temos a Teoria da Satisfação de Condições (TSC) que defende a interatividade e se caracteriza por não ser modular. Esse modelo teórico alia-se a pressupostos da teoria sociocognitiva, tendo como base a ideia de que o processamento depende da experiência linguística, ou seja, depende da frequência, ou contato do indivíduo com a sentença, levando em conta o contexto e o uso durante esse processo. Leitão (2008, p. 226) explica que:

[...] esse modelo argumenta que o caminho que seguimos no processamento de frases é guiado por uma constante e alta interação entre todos os tipos de informação, seja contextual, seja léxico-semântica e, fundamentalmente, informação relacionada à frequência de uso das frases e das palavras que as constituem e de suas estruturas sintáticas, ou seja, cada vez que usamos determinada estrutura isso contribui para que as condições de processamento sejam satisfeitas.

Sendo assim, quanto mais contato possibilitado pelo convívio e quanto mais a mente percorre a sentença, mais fácil e rápido se torna o processamento, uma vez que acessariamos a possibilidade de interpretação semântica que temos mais familiaridade, ou seja, a opção com a qual que temos mais costume, contato ou vivência.

Em vista disso, nossa pesquisa se ancora na Teoria da Satisfação de Condições (TSC), tendo em vista que acreditamos que o processamento de frases idiomáticas é possível a partir do contato e familiaridade com a expressão. A partir disso, acreditamos que quanto mais contato os participantes tiverem com as frases idiomáticas paraenses, maiores serão os índices de acesso ao sentido figurado e menores seriam os tempos de reação durante o processamento das sentenças, do contrário, o acesso ao sentido literal seria mais recorrente.

4. Expressões idiomáticas paraenses

A língua está sujeita a várias transformações ao longo do tempo, por meio de diversos fatores como geográficos e culturais, uma vez que ela é um sistema vivo e dinâmico da construção humana. Bagno (1999) faz uma analogia de que a língua é como um rio que possui um intenso fluxo que está sempre em movimento e que se renova constantemente. Diante disso, alguns termos ou expressões acabam por cair em desuso ou ganham novos significados por conta dessa evolução da língua.

No estado do Pará, notamos que, durante o uso, os falantes locais possuem diversas frases idiomáticas que necessitam de entendimento do sentido figurado para a compreensão, tendo em vista que não significam de acordo com a soma dos significados isolados de cada palavra, mas sim de uma construção de sentido. Essas frases são utilizadas rotineiramente na fala do paraense de acordo com o sentido figurado, e, para a compreensão desse significado, é necessário interação com o meio social paraense e não apenas que se reconheça o significado literal.

É muito comum encontrarmos, como ocorrência, expressões linguísticas paraenses com significado contrário do seu significado usual, como: *disque*; *o pau te acha*; *tá, cheiroso*⁵, etc. que são irreconhecíveis em outras regiões. Lima (2019) exemplifica a expressão linguística *Égua* que tem por significado usual no país: a mulher do cavalo. No entanto, quando usada dentro de algumas regiões paraenses pode expressar diversas emoções como raiva, estresse, alegria, espanto etc. A autora afirma que sua origem, apesar de não haver um consenso, deriva do termo *Pai D'égua* oriunda do Ceará que chegou à região Norte no período do ciclo da borracha.

Ainda referente a essa questão, Reis (2017) explana que a expressão “*mas quando*” apresenta no falar paraense uma conotação negativa, por motivo da conjunção “mas” vir acompanhada de carga opositiva e adversativa, o que a aproxima dos aspectos negativos da expressão. Para a autora o que se observa é uma negação marcada por “mas” dentro de um tempo indeterminado marcado por “quando”.

Ladislau et al. (2021) procuram construir um glossário de termos e expressões paraenses e marajoaras dentro da perspectiva da variação linguística, com o intuito de mitigar o preconceito linguístico, uma vez que esse fenômeno fica de lado em relação à valorização da norma culta da Língua Portuguesa. Além disso, os autores procuram promover com isso a valorização da linguagem regional como patrimônio cultural da região paraense. Palavras como: “*abicorar*” que significa “ficar por perto ou observar”; “*aporrinhar*” que tem por significado “aborrecer”; “*avacalhar*” que tem por sinônimo “zoar, sacanear” e “*arredar*” que expressa “afasta-se”, encontradas no glossário, são muito comuns na fala dos paraenses.

Desse modo, procurar o significado de expressões idiomáticas paraenses em dicionários da língua padrão não será suficiente, pois para compreendê-las, precisamos ter conhecimento extralinguístico, devido essas expressões buscarem retratar a identidade do povo paraense, posto que ao enunciá-las são expressos costumes e maneiras de pensar local. Para Ribeiro e Mariano (2011), um estudante de Português como língua estrangeira (PLE) que entra em contato com expressões baianas como: “*ó paio ó*”, “*massa*”, “*tô meio abafado*”, “*resolver na diplomacia*”, não irá conseguir estabelecer uma comunicação afetiva ao tentar traduzir seu sentido literal. Para as autoras as construções dessas expressões ocorrem porque o falante se utiliza de vários recursos da língua como as metáforas e, para isso, é necessário conhecer o contexto da produção e sua intencionalidade, pois, caso o contrário, não haverá interação entre os interlocutores.

Desta forma, a contextualização vem a ser de grande importância para o entendimento das EIs paraenses, visto que elas vão se manifestar em forma de metáforas, das quais não são possíveis reconhecer o sentido se não considerar a questão cultural da qual surgiram.

Neste seguimento, essas expressões acabam por contrapor-se a visão tradicional que entende a língua como imutável e com significados específicos e que, para que haja a compreensão da sentença, bastam que sejam reconhecidas as palavras que as determinam, que se resgatem seus sentidos individuais, a partir do léxico mental, para fazer com que esses elementos sejam combinados de acordo com as relações gramaticais.

Devido a esse caráter significativo contextual das expressões idiomáticas paraenses, surge a necessidade de compreender como os falantes que não nasceram no estado do Pará, mas que atualmente moram no estado, processam frases idiomáticas utilizadas por falantes nativos do estado, que adquirem contato com essas frases desde o nascimento.

5. Metodologia

⁵ Disque: 1. dizem os rumores. 2. andam dizendo por aí; O pau te acha: 1. forma de ameaçar. 2. Frase usada para advertir alguém das consequências de se meter em uma situação perigosa; *Tá, cheiroso*: Algo duvidoso, desdém em tom de ironia (conta outra!).

Pautados nos pressupostos da pesquisa experimental, uma vez que realizamos um experimento no qual observamos os efeitos sobre o objeto de estudo, a partir de formas de controles e observações em condições pré-estabelecidas, realizamos um estudo de compreensão de expressões idiomáticas no qual participaram 28 adultos moradores da região metropolitana do estado do Pará, os quais foram dispostos em três grupos: *Grupo 1 (G1)*: composto por 10 pessoas nativas do Pará; *Grupo 2 (G2)*: composto por 9 pessoas não naturais do Pará que residem acima de 10 anos no estado; *Grupo 3 (G3)*: composto por 9 pessoas não naturais do estado do Pará e residentes no estado há menos de 6 anos. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para coleta de dados, utilizamos a Tarefa Labirinto (*Maze Task*), que consiste em um método on-line de leitura automonitorada, em que o participante realiza a leitura de sentenças, palavras ou partes delas, e verifica-se os tempos de reação em determinados trechos como forma de medir dificuldades no processamento linguístico.

A técnica da Tarefa Labirinto possibilita a medição do custo cognitivo do processamento de expressões em diferentes condições experimentais. Nesta pesquisa, os tempos de resposta foram medidos para que pudéssemos verificar empiricamente as dificuldades encontradas pelos participantes no processamento das expressões idiomáticas paraenses.

Desse modo, nosso experimento tinha por objetivo investigar o custo cognitivo na compreensão das expressões idiomáticas paraenses do tipo *Verbo + Complemento*. Para tanto, nosso estudo contou com duas variáveis dependentes: 1) *o tempo de reação*, que corresponde ao lapso de tempo entre a leitura da frase, compreensão e o momento em que a resposta é acionada no botão, e 2) *o índice de acesso aos sentidos: idiomático ou literal*; e uma variável independente: tipo de sentido disponível no *seguimento crítico* (idiomático ou literal) que corresponde ao complemento verbal disposto na quinta parte da sentença.

As expressões idiomáticas podem apresentar estruturas internas variadas o que dificultaria uma análise mais precisa. Desta maneira, o estudo contou com a condição experimental: Verbo + complemento (sentido idiomático ou literal). Assim, os estímulos experimentais foram 10 frases idiomáticas paraenses do tipo *verbo + complemento*, a saber:

- 1- *Ficar de butuca*: que significa ficar na espreita/escondido.
- 2- *Levar o farelo*: que se refere ao ato de se dar mal ou morrer.
- 3- *Aplicar na mente*: que faz referência ao ato de mentir.
- 4- *Dar uma forra*: que possui significado de retribuir.
- 5- *Dar prego*: que é utilizado como sinônimo de quebrar.
- 6- *Espocar de rir*: que é sinônimo de rir muito.
- 7- *Estar na pedra*: que se refere a abstinência sexual.
- 8- *Levar uma mijada*: que é usado ao ser chamado atenção por alguém.
- 9- *Levar uma pisa*: que é usada com sentido de perder ou apanhar de alguém.
- 10- *Espocar fora*: que significa ir embora.

O experimento contou ainda com 10 frases distratoras, que serviram para distrair os participantes e disfarçar os objetivos da pesquisa, estes distratores consistiram em frases com expressões idiomáticas nacionais. As frases experimentais e distratoras foram randomizadas de forma que a apresentação das sentenças foi feita de forma aleatória.

As sentenças foram divididas em seis fragmentos, sendo o quarto e o quinto os principais, visto que no quarto fragmento era apresentado o verbo e no quinto, considerado mais crítico, apresentava-se as possibilidades de complementação do verbo, tendo a opção de seleção do sentido figurado ou real da expressão. Desse modo, eram exibidas ao informante as

duas possibilidades de completar o verbo que estavam contidas no quinto fragmento, sendo idiomática ou não. O esquema ilustrado na figura 1 a seguir mostra o procedimento aplicado com a expressão *espocar de rir*:

Figura 1- Ilustração esquemática do procedimento do experimento



Fonte: Elaborado pelas autoras

Assim, a tarefa do participante era formar frases a partir das alternativas exibidas lado a lado na tela. Os participantes deveriam escolher, dentre as duas alternativas apresentadas, qual a que formava uma continuação que fizesse mais sentido na sentença. A alternativa escolhida pelo participante, julgada como correta, deveria ser acionada pelo botão da esquerda representada pela seta: (←), ou pelo botão da direita representada pela seta: (→). Após o acionamento do botão, que justificaria a reação dos participantes, a tela de imediato prosseguia e apresentava outro par de opções. Durante o teste, o tempo que cada participante demorava em cada trial era cronometrado.

Antes da execução do experimento, disponibilizamos as instruções a cada participante para a realização da tarefa e realizamos uma fase de treino a fim de verificar se estes haviam entendido os procedimentos que deveriam seguir. Somente após o participante demonstrar que havia compreendido a tarefa a ser realizada, prosseguimos com a aplicação do teste experimental.

Para a aplicação do teste, utilizamos o programa *Microsoft PowerPoint 2010*, no qual foi desenvolvido o teste em forma de slides que foi aplicado por meio de um computador portátil. As sessões experimentais tiveram o tempo médio de 30 minutos, desde a explicação das instruções até a finalização da tarefa.

Foi realizado um teste piloto antes da aplicação principal do experimento, o qual contou com a participação de quatro pessoas e teve como objetivo verificar a qualidade dos estímulos experimentais. Os dados da pesquisa foram coletados de forma presencial, durante o mês de março de 2022.

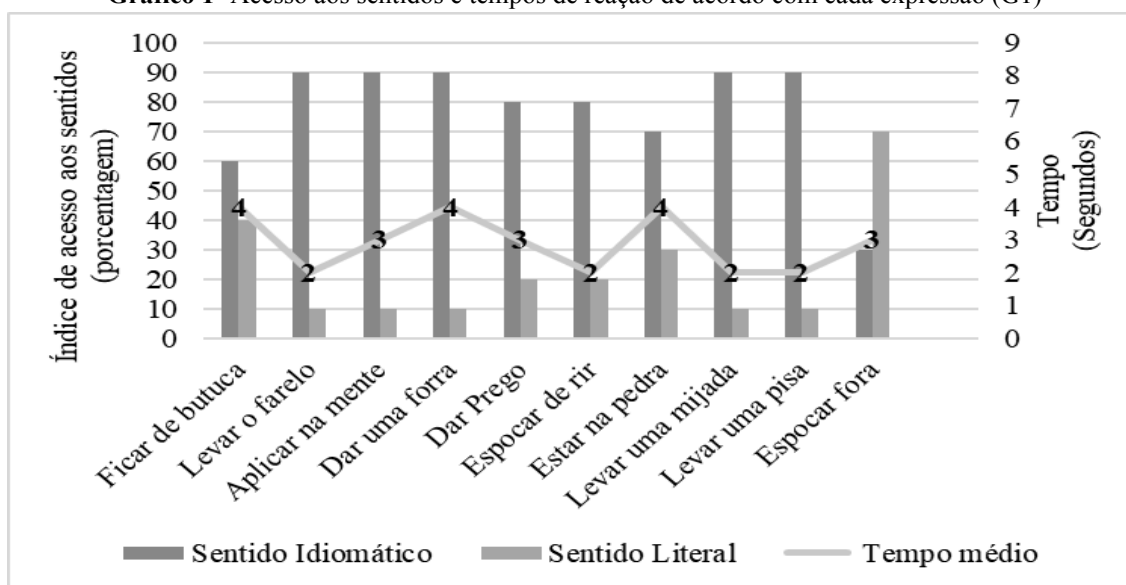
6. Análise dos aspectos particulares de cada grupo

Iniciamos nossa análise com as respostas obtidas por cada grupo, analisando os aspectos particulares obtidos. Assim, os gráficos 1, 2 e 3 apresentam os dados de cada grupo referentes aos sentidos acessados, o tempo de reação e o tempo médio de resposta para cada escolha.

A compreensão do significado idiomático foi relacionada ao tempo porque acreditamos que quanto mais tempo o participante demora a clicar na resposta, mais dúvidas e dificuldades ele possui para entender o significado da expressão ao se deparar com ela em uma frase e quanto menos tempo ele demora a responder significa que logo depreendeu o sentido conotativo por já estar familiarizado com a expressão e já ter tido contato, à medida que cremos que quanto mais contato com a frase, mais rápido seu significado conotativo é acessado e quanto menos contato, maior o tempo de reação e/ou maior o índice de acesso ao sentido literal.

O gráfico 1 representa os dados obtidos por meio das respostas do grupo 1, que é formado apenas por participantes paraenses.

Gráfico 1- Acesso aos sentidos e tempos de reação de acordo com cada expressão (G1)



Fonte: Dados da pesquisa.

Como já era esperado, após análise, constatamos que os participantes pertencentes a este grupo acessaram, em sua maioria, o sentido idiomático das expressões, ficando entre 60% a 90%, indicando que o índice de acesso ao sentido idiomático foi maior do que o índice de acesso ao sentido literal, evidenciando que os paraenses acessam o sentido figurado das expressões por já conviverem com elas no seu cotidiano.

O mesmo não ocorreu com a expressão *espocar fora*, a qual foi a única que o índice de acesso ao significado denotativo foi maior do que o acesso ao significado conotativo, o que correspondeu a 70 % dos participantes, o que nos levar a pensar que essa expressão, apesar de fazer parte do vocabulário paraense, talvez não seja muito comumente utilizada na capital, local em que a pesquisa foi aplicada. Desta forma, os próprios paraenses da região de Belém, talvez não tenham muito contato com esta e, por isso, acessaram o significado literal.

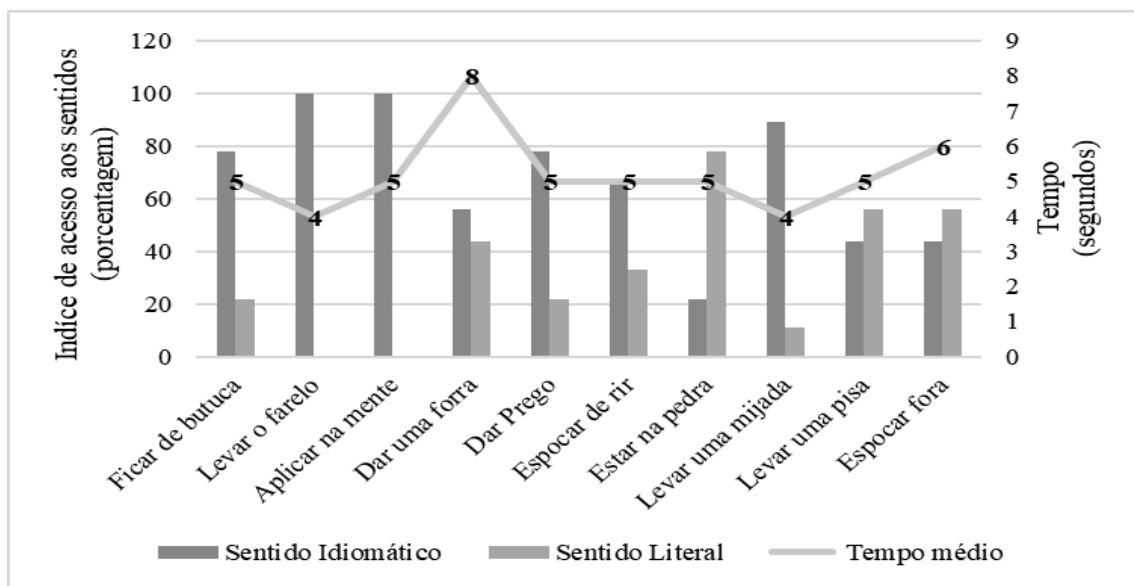
No que diz respeito ao tempo de reação, verificamos que, em todas as expressões, a média foi de 2 a 4 segundos, nos indicando que os participantes gastaram pouco tempo em cada sentença crítica, o que corresponde a um baixo tempo de processamento e acesso ao sentido figurado que está armazenado na mente. Mesmo a expressão *espocar fora*, que teve um índice de acesso ao significado literal maior que o acesso ao significado figurado, a média do tempo de reação ficou em 3 segundos, o que nos leva a perceber que, nesta expressão, rapidamente os participantes acessaram o significado literal, ou seja, nem cogitaram a

possibilidade de acessar o sentido figurado, mais uma vez reiterando o fato de não terem tanto contato desta frase no seu dia a dia.

É importante destacar que durante a aplicação do teste foi notória a familiaridade dos participantes desse grupo com as expressões, sendo percebida pelos gestos e risadas quando entendiam o contexto idiomático da frase, além de sorrisos e fala em voz alta da expressão paraense.

O gráfico 2 corresponde aos dados levantados pelas respostas do grupo 2, formado por pessoas não naturais do estado do Pará residentes no estado em um tempo superior há 10 anos.

Gráfico 2- Acesso aos sentidos e tempos de reação de acordo com cada expressão (G2)



Fonte: Dados da pesquisa.

Verificamos que o grupo 2 acessou o significado idiomático na maior parte das expressões, com índice de acesso entre 56% a 100%, evidenciando que o tempo de moradia no estado possibilitou a convivência com as expressões regionais e, com isso, o sentido figurado atribuído a essas expressões foi facilmente ativado no contexto das frases, nos mostrando que tais participantes se sentem familiarizados com grande parte das expressões paraenses.

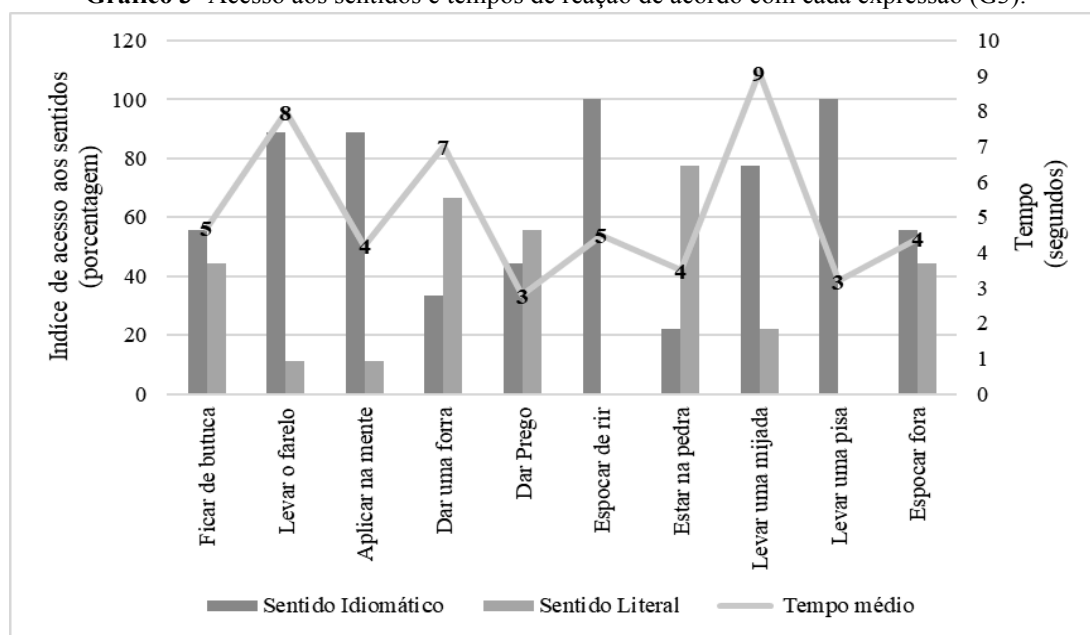
Nas expressões *levar o farelo* e *aplicar na mente* o índice de acesso ao sentido idiomático foi total, o que nos mostra que os participantes que moram há mais de 10 anos no estado possuem grande familiaridade com estas expressões. No entanto, nas expressões *estar na pedra*, *levar uma pisa* e *espocar fora*, os resultados apontaram para um maior acesso aos significados literais, o que nos leva a depreender que, apesar do contato com as frases regionais ao longo dos anos de moradia, ainda possuem algumas expressões que eles não costumam ter contato ou fazer uso em sua rotina, não processando, majoritariamente, o sentido idiomático em primeiro momento, acreditando que o sentido literal fazia mais sentido para as frases.

Quando analisamos o tempo de reação deste grupo, verificamos uma média recorrente de 4 e 5 segundos, exceto na expressão *dar uma forra*, o que indicou que nesta expressão houve uma necessidade de um tempo maior de reflexão e pensamento para dedução da resposta correta, indicando dúvidas durante o processamento, o que pode indicar que houve o processamento dos dois sentidos, conseqüentemente a necessidade de escolha de um dos dois e, mesmo assim, a maioria escolheu o sentido idiomático.

Percebemos, nesse grupo, que o índice de acesso ao sentido literal foi zero nas frases *levar o farelo* e *aplicar na mente*, mas nas outras expressões teve uma variação maior, se comparado aos resultados do grupo 1, ficando entre 11% e 56%.

O gráfico 3 faz referência às respostas do grupo 3, composto por pessoas não naturais do Pará e residentes no estado há menos de 6 anos.

Gráfico 3- Acesso aos sentidos e tempos de reação de acordo com cada expressão (G3).



Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisarmos os resultados encontrados, constatamos que os participantes que residem há menos tempo no estado acessaram o sentido figurado na maior parte das expressões paraenses, o que descarta a hipótese inicialmente formulada na pesquisa de que os participantes que residem a menos tempo não conseguiriam interpretar o sentido figurado das expressões paraenses. Portanto, ao contrário do que se imaginava, os índices de acesso ao sentido figurado foram de 56% a 100%, o que pode ter sido ocasionado por estes participantes possuírem contato com moradores locais e, mesmo que em pouco tempo de convívio na região, conseguiram processar o significado conotativo.

No entanto, percebemos que, durante a aplicação do teste, alguns participantes desse grupo clicaram no sentido idiomático de expressões como *levar o farelo* e *ficar de butuca* e, em seguida, se perguntaram o significado das expressões. A partir disso, acreditamos que estes participantes escolheram o sentido idiomático por meio da dedução, tendo em vista que eles mostraram não saber o significado e disseram ter clicado por acreditarem que fazia mais sentido na frase. Isso também pode ter sido ocasionado pelo motivo de tais expressões se apresentarem em seu cotidiano, por pessoas da região, fato que, de alguma forma, os auxiliou no processamento e acesso a esse sentido na mente.

Verificamos um índice maior de acesso ao sentido literal das expressões *dar uma forra*, *dar prego* e *estar na pedra*, o que nos leva a afirmar que essas expressões ainda não fazem parte do campo lexical desses participantes.

Observamos que, embora a porcentagem de acesso ao sentido literal seja zero nas expressões *espocar de rir* e *levar uma pisa*, nas demais expressões o índice de acesso ao sentido não literal foi maior, se comparado aos outros grupos, variando de 11% a 78%.

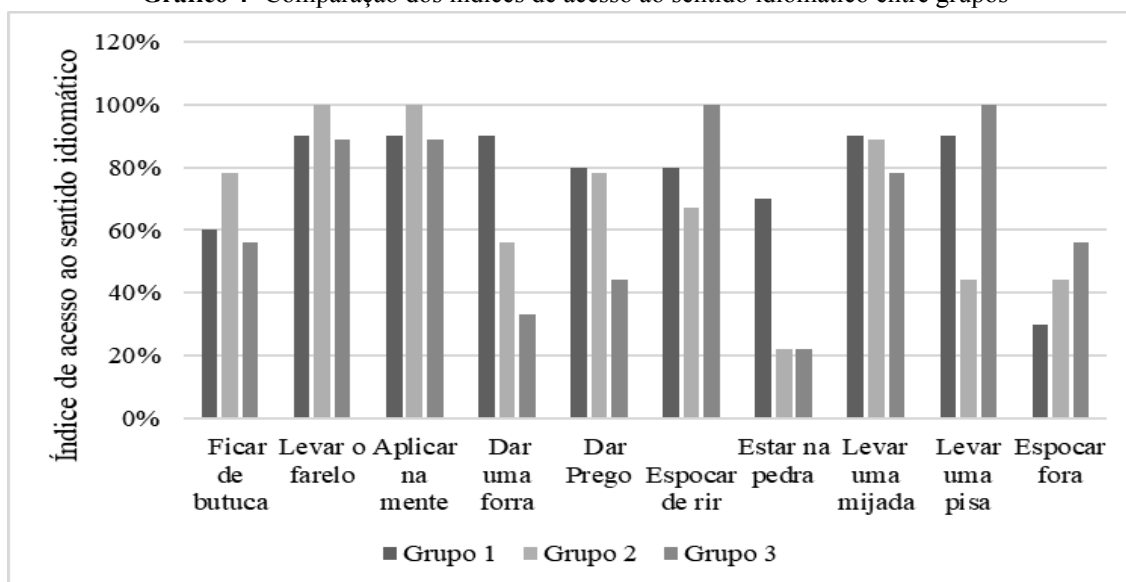
Por conseguinte, ao partirmos para a análise dos tempos de processamento, quando calculamos a média, verificamos que esta variou de 3 a 9 segundos, sendo os maiores tempos nas expressões *levar o farelo* (8 segundos) e *levar uma mijada* (9 segundos), o que nos faz perceber que, apesar de o maior número de acessos terem sido no sentido idiomático, os tempos de reação nessas sentenças foram maiores, o que pode indicar dúvidas e dificuldades de processamento.

Nas demais expressões, constatamos uma variação entre 3 e 5 minutos de processamento, dentre as quais, apenas na opção *dar prego* o sentido literal foi acessado com maior frequência, também pelo fato de os participantes deste grupo não possuírem muita familiaridade com esta expressão.

7. Análise dos aspectos entre os grupos

Nesta seção, nos debruçamos na análise geral dos resultados entre os três grupos participantes no que se refere ao acesso ao sentido idiomático e o tempo médio de reação.

Gráfico 4- Comparação dos índices de acesso ao sentido idiomático entre grupos



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisarmos o gráfico 4, podemos verificar que o grupo 1, composto exclusivamente por paraenses, possuiu maior índice de acesso ao sentido idiomático nas expressões *Dar uma forra*, *dar prego*, *estar na pedra* e *levar uma mijada*. Apesar disso, verificamos que nas demais expressões, exceto na *espocar fora*, possuiu altos índices de acesso ao sentido idiomático, mesmo que não tenham sido os maiores índices em relação aos outros grupos.

O grupo 2, composto por participantes naturais de outros estados residentes do Pará há mais de 10 anos, possuiu um maior acesso ao sentido idiomático nas expressões *Ficar de butuca*, *levar o farelo* e *aplicar na mente*, o que nos mostrou que o tempo de contato que eles possuem com as frases idiomáticas locais, contribuiu para que obtivessem maior processamento desse sentido nessas frases, mas na frase em que eles talvez possuam menos contato: *Estar na pedra*, o índice ficou equiparado ao índice dos não nativos residentes há menos tempo.

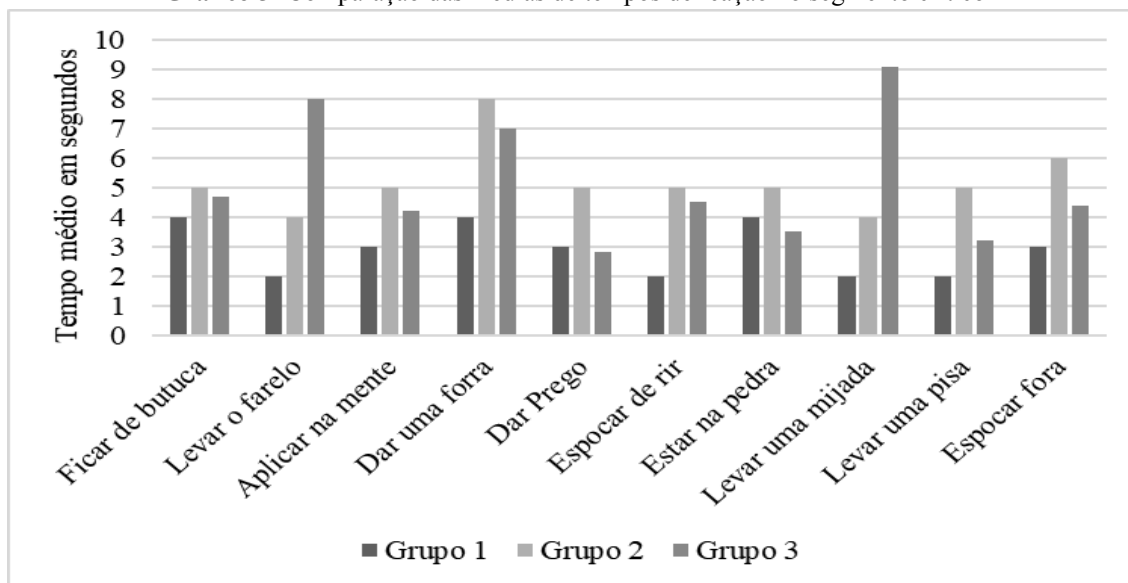
Espocar de rir, *levar uma pisa* e *espocar fora* foram mais frequentemente acessados pelo grupo dos não paraenses que residem há menos de 6 anos.

Portanto, os dois grupos de não nativos, tanto os residentes há mais de 10 anos quanto os residentes há menos de 6 anos no estado, conseguiram processar o sentido idiomático das expressões paraenses majoritariamente. No entanto, quando comparamos o grupo 2 com o grupo 3 verificamos que os participantes não naturais que moram há mais tempo no estado possuíram maior índice de acesso ao sentido idiomático na maior parte das expressões. Portanto, ao levantarmos a hipótese de que quanto mais tempo de moradia no estado do Pará, menos dificuldades o falante não nativo da região sente na compreensão de frases idiomáticas pudemos constatar que a hipótese é verdadeira, tendo em vista que o tempo de moradia influenciou no processamento das frases idiomáticas.

Destarte, acreditamos inicialmente que o falante não nativo residente há menos tempo, interpretaria mais frequentemente as expressões seguindo o sentido literal, o que foi refutado, pois percebemos que os maiores índices foi o de sentido figurado, mesmo que estes possam ter seguido a dedução. Cremos também que os residentes há mais tempo interpretariam segundo o sentido não literal, devido ao tempo de moradia que possibilitaria um maior contato com os falantes e contextos paraenses, o que foi confirmado durante a análise dos dados.

Quando comparamos o tempo médio de processamento do segmento crítico entre os três grupos, percebemos que o tempo médio de processamento do grupo 1 foi menor em quase todas as expressões, o que nos leva a inferir que esse grupo possui menos dificuldades de processamento do que os demais grupos, isso pode ser relacionado à facilidade de associação ao sentido idiomático das expressões, tendo em vista que esse grupo obteve os menores tempos de reação, que ficaram entre 2 a 4 segundos.

Gráfico 5- Comparação das médias de tempos de reação no segmento crítico



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando comparamos os grupos 2 e 3, percebemos que os tempos de processamento do grupo 2 foram superiores aos tempos do grupo 3 na maioria das expressões, ficando entre 4 a 8 segundos, o que mostrou que estes participantes tiveram maior dificuldade em mais expressões do que os que residem a menos tempo, o que nos leva a inferir que buscaram refletir e pensar mais na alternativa correta, o que pode indicar que acessaram os dois sentidos e pensaram em qual escolher antes de clicar, terminado por escolher o sentido idiomático.

No entanto, na expressão *levar uma mijada*, o grupo 3 demandou bem mais tempo para processamento do que os outros grupos, correspondendo a uma média de 9 segundos, o que indica que obtiveram bastante dificuldade e dúvidas nesta sentença.

Considerações finais

Possuímos a intenção de investigar as expressões idiomáticas com base na Teoria da Satisfação de Condições (TSC), resgatando aspectos, como contexto e o tempo de contato com essas expressões, tendo em vista que as expressões paraenses são utilizadas por um grupo de pessoas que convivem em uma mesma comunidade, sendo o seu significado determinado pelas interações sociais. Para tanto, nos detivemos em investigar o custo cognitivo na compreensão de frases idiomáticas paraenses por falantes nativos de outros estados; bem como, verificar como são interpretadas as expressões idiomáticas paraenses a partir do acesso ao significado literal ou figurado; e finalizamos, verificando se o tempo de moradia no estado do Pará contribui no processo de compreensão das frases idiomáticas.

Como procedimento metodológico, utilizamos a tarefa labirinto para verificar se os participantes conseguiram acessar o sentido idiomático das expressões paraenses. Por meio dessa tarefa conseguimos obter os índices de acesso ao sentido literal e figurado e o tempo de reação no quinto segmento da sentença.

Concluimos, portanto, que o grupo dos paraenses obteve o maior índice de acesso ao sentido idiomático em quase todas as expressões, exceto na expressão *espocar fora*. Ao contrário do que se esperava, em algumas expressões os índices de acesso foram bem menores do que os não nativos do estado, apesar de a expressão ser regional de seu estado. Verificamos também baixos índices de acesso ao sentido literal na maioria das expressões, o que indica que as respostas idiomáticas dentro desse grupo foram a maioria.

Percebemos, também, que os tempos de reação do grupo 1 foram os menores em relação aos outros grupos, o que indica que os paraenses possuíram menos dúvidas e dificuldades durante o processamento das expressões idiomáticas.

Observamos que a hipótese de que os participantes não nativos não conseguiriam processar e apreender o significado das expressões paraenses foi refutada, pois percebemos que, mesmo possuindo um índice de acesso ao sentido literal maior que o dos paraenses na maioria das expressões, no geral, eles acessaram o sentido figurado na maior parte das expressões. Portanto, os não nativos residentes há mais de 10 anos e os residentes há menos de 6 anos no estado conseguiram processar o sentido idiomático da maioria das expressões paraenses.

Reiteramos, no entanto que apesar dessa hipótese ter sido refutada pelas respostas obtidas ao percebermos que os maiores índices foram o de sentido figurado, surge a ideia de que o grupo com moradia há menos tempo na região pode ter seguido a dedução durante algumas frases do teste, pois notamos que após clicarem no sentido idiomático de algumas frases, perguntavam o que significava a expressão, o que demonstrou que eles clicaram mesmo sem conhecer o significado conotativo, o que indicou a criação de estratégias ao longo da realização da tarefa.

Formulamos inicialmente também a hipótese que os residentes há mais tempo no estado interpretariam a maioria das expressões seguindo o sentido não literal, devido ao tempo de moradia que possibilitaria um maior contato com os falantes e contextos paraenses, o que foi confirmado durante a análise dos dados, ao percebermos que esse grupo acessou na maioria das frases o sentido idiomático. No entanto, os tempos de processamento para esse grupo foram maiores em relação aos outros grupos no geral, o que indica que obtiveram mais dificuldades no processamento.

Por conseguinte, ao compararmos o grupo 2 com o grupo 3 verificamos que os participantes não naturais que moram há mais tempo no estado possuíram maior índice de acesso ao sentido idiomático na maior parte das expressões comparados aos que moram há menos tempo. Portanto, em relação à hipótese de que quanto mais tempo de moradia no estado do Pará, menos dificuldades o falante não nativo da região sente na compreensão de frases idiomáticas, pudemos constatar que a hipótese é verdadeira, tendo em vista que o tempo de moradia influenciou no processamento das frases idiomáticas, garantindo um percentual de respostas maior na maior parte das expressões.

No geral, os paraenses obtiveram maior índice de processamento idiomático em 4 das 10 expressões, enquanto os outros dois grupos acessaram com mais frequência esse sentido em 3 expressões das 10 disponibilizadas.

Por fim, os dados desta pesquisa evidenciaram que o custo cognitivo para processamento de expressões idiomáticas paraenses pode ser maior ou menor dependendo do tempo de moradia na região.

Devido à carência de pesquisas que investigam aspectos de variação linguística sob a perspectiva da psicolinguística, nosso trabalho se torna um ponto de partida para estudos posteriores que queiram se debruçar sobre essa perspectiva em diferentes públicos-alvo como em crianças, pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), línguas estrangeiras e Síndrome de Down.

Referências

ALVES, Ieda Maria et al. (org.) **Os estudos lexicais em diferentes perspectivas**. vol. II. São Paulo: FFLCH/USP, 2010.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, Brasil, 1999.

BARRETO, Sara de Oliveira Gomes. **Compreendemos “pintar o sete” e “pintar o Quadro” da mesma forma?** Um estudo experimental sobre o processamento de expressões idiomáticas no PB. Dissertação (mestrado em linguística), programa de pós-graduação em linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, p.169, 2017.

BOTELHO, José Mario. A Relação Denotação-Conotação Uma Questão De Plurissignificação Imanente. **Soletras: Revistas**, São Gonçalo, n. 12, p. 38-52, julho/dez. 2006. Semestral. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/issue/view/342>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

BOBROW, S., BELL. S. On catching on to idiomatic expressions. **Memory & cognition**, Washington, vol. 1, n. 3. p. 343-346, 1973.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 12, p. 51-60, 1996. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.157>>. Epub 06 Mar 2015. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.157>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

GIBBS, R. Figurative Language. In: WILSON, R. A.; KEIL, F. C. (Eds.). **The MIT encyclopedia of the cognitive sciences**. Cambridge, Massachusetts: MIT press, p. 314,1999.

ILARI, Rodolfo (ed.). **Introdução à Semântica**: brincando com a gramática. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo. Contexto, 2013.

LADISLAU, Claudiane da Silva, et al. Glossário. In: **Glossário de termos e expressões paraenses e marajoaras**. Breves: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - campus Breves, 2021. Disponível em: <<https://ifpa.edu.br/documentos-institucionais/0000/5646-glossario-de-termos-e-expressoes-p-araenses-e-marajoaras-ifpa-campus-breves/file>> Acesso em 15 de março de 2022.

LEITÃO, M.. Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem. In: Martelotta, M. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Mariana Marques de. Amazônia Contemporânea e sua Identidade: Aspectos da Cultura Paraense em A Força do Querer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, n.42, set. 2019, Belém (PA). **Anais...** São Paulo: Intercom, 2019. p. 2-7.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. **A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. 2008. XIV, 249 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PASTOR, Glória C. **Manual de Fraseología Española**. Madrid, Editorial Gredos, 1996.

REIS, Érica do Socorro Barbosa. A mudança linguística da expressão amazônica *mas* quando: um caso de gramaticalidade. In: ANAIS DO VIII SAPPIL – ESTUDOS DE LINGUAGEM, n. 1, 2017, Niterói (RJ), **Anais...** Niterói: UFF, [s.n], 2017. p.324 -336.

RIBEIRO, Maria D’Ajuda Alomba; MARIANO, Ana Julia Souza. O interculturalismo no ensino de PLE: um estudo sobre expressões idiomáticas brasileiras a partir do filme “ó pai ó”. **Revista Fronteira Digital**, Santa Catarina, ano 2, n.4, p.83-91, ago. – dez. 2011. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n4_2011/fronteira_digital_n4_2011_art_6.pdf>. Acesso em 15 de março de 2022.

SAEED, J. I. **Semantics**. Malden: Blackwell, 1997.

SEVILLA, Julia; ARROYO, Álvaro. La noción de "expresión idiomática" en francés y en español. **Revista Complutense de Estudios Franceses**, Thélème, 4, 247.1993 Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/THEL/article/view/THEL9393220247A>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

SIQUEIRA, Maity et al. Compreensão de expressões idiomáticas em período de aquisição da linguagem. **Letras de Hoje**, Rio Grande do Sul, v. 52, n. 3, pp. 391-400, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.3.29371>>. ISSN 1984-7726. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.3.29371>., Acesso em 3 de novembro 2021.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. especial, p. 147-159, 1998 Disponível em: <[Vista do O campo minado das <i>expressões idiomáticas</i> \(unesp.br\)](#)>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.